

“Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado”: o mito de origem da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ismael Fuckner¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v17i48.69909>

Resumo: O artigo se concentra na exposição e análise de uma doutrina da Igreja Adventista do Sétimo Dia, formatada com base no texto enigmático encontrado no livro de Daniel, capítulo 8, versos 13-14, o qual foi interpretado nos moldes do que hoje se denomina Teoria do Exílio. A pregação desta mensagem foi responsável pelo episódio conhecido intramuros como “O Grande Desapontamento”, ocorrido em 22 de outubro de 1844; uma espera frustrada da Segunda Vinda de Jesus. Este manuscrito parte da provocação de Jacques Le Goff que classifica os Adventistas do Sétimo Dia como um grupo milenarista da restituição. A pesquisa teve como base periódicos não vinculados à instituição adventista; bem como, um livro cujo título instigante: Descortinando o Adventismo, nos remete a uma visão crítica do Adventismo. Apresenta-se, como interpretação alternativa a chamada Teoria Macabéia, que analisa o referido texto no quadro da Revolta dos Macabeus (168-165 a.C.).

Palavras-chave: Adventismo Milerita; Messianismos Milenaristas; Escatologia.

“To two thousand and tree hundred evenings and mornings; than shall the sanctuary be cleansed”: the origem of myth of the Seventh-Day Adventist Church

Abstract: The article focuses on the exposition and analysis of a doctrine of the Seventh-day Adventist Church, formatted based on the enigmatic text found in the book of Daniel, chapter 8, verses 13-14, which was interpreted along the lines of what is today called Exile Theory. The preaching of this message was responsible for the episode known within the walls as “The Great Disappointment”, which occurred on October 22, 1844; a frustrated wait for the Second Coming of Jesus. This manuscript is based on

¹ Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFPA (2015). Professor de História e Antropologia no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará – Campus Belém. E-mail: ismaelfuckner@yahoo.com.br.

Jacques Le Goff's provocation that classifies Seventh-day Adventists as a millennial restitution group. The research was based on periodicals not linked to the Adventist institution; as well as a book whose intriguing title: *Uncovering Adventism*, takes us to a critical view of Adventism. The so-called Maccabean Theory is presented as an alternative interpretation, which analyzes the aforementioned text in the context of the Maccabean Revolt (168-165 BC).

Keywords: Milerite Adventism; Millennial Messianisms; Escathology.

“Hasta dos mil trescientos días de tardes y mañanas; y el santuario será justificado”: el mito del origen de la Iglesia Adventista del Séptimo Día

Resumen: El artículo se centra en la exposición y análisis de una doctrina de la Iglesia Adventista del Séptimo Día, formateada en base al enigmático texto que se encuentra en el libro de Daniel, capítulo 8, versículos 13-14, el cual fue interpretado en la línea de lo que es hoy. Llamada Teoría del Exilio. La predicación de este mensaje fue responsable del episodio conocido intramuros como “El Gran Chasco”, ocurrido el 22 de octubre de 1844; una espera frustrada por la Segunda Venida de Jesús. Este manuscrito se basa en la provocación de Jacques Le Goff que clasifica a los Adventistas del Séptimo Día como un grupo de restitución milenaria. La investigación se basó en publicaciones periódicas no vinculadas a la institución adventista; así como un libro cuyo intrigante título: *Descubriendo el Adventismo*, nos lleva a una visión crítica del adventismo. Como interpretación alternativa se presenta la llamada Teoría Macabea, que analiza el citado texto en el contexto de la Revuelta Macabea (168-165 a.C.).

Palabras clave: Adventismo Milerita; Mesianismos Milenarios; Escatología.

Recebido em 11/10/2023- Aprovado em 31/12/2023

Introdução

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), organizada formalmente nos Estados Unidos da América, em 8 de maio de 1863, formou-se a partir das crenças e pregações dos adventistas mileritas², um grupo formado por religiosos dissidentes de diversas denominações evangélicas. Esses moradores da Nova Inglaterra – extremo nordeste do país –; acreditavam no retorno de Jesus à Terra, ainda naquela geração, e que

² “Nas principais obras em português que trabalham esse movimento, o seu nome é escrito apenas com um único “L” ao invés de dois, mesmo ele sendo derivado do sobrenome Miller.” (FIRINO; CAVALCANTI, 2022, p.57). Concordo em usar essa convenção estabelecida por esses pesquisadores, que se propuseram a apresentar uma detalhada narrativa a respeito do movimento.

era possível marcar precisamente a data desse último acontecimento histórico. Portanto, trata-se de uma instituição religiosa de forte apelo escatológico. A data par este último acontecimento da história humana, inicialmente marcada para o ano de 1843, foi remarcada para 1844, e diante do não cumprimento daquela promessa, centenas de pessoas viveram grande frustração, forte decepção e traumas profundos.

Em seus primórdios, os adventistas mileritas receberam influência das ideias do padre jesuíta Manuel Lacunza, cujo livro *La Venida Del Messias em Gloria y Majestad* teve um significado muito especial para a época. Conhecido por alguns religiosos desde 1785, quando publicado, em 1812, foi vendido para um grande público, agitando os meios religiosos europeus e estadunidenses, sendo precursor do movimento adventista entre os protestantes. Trata-se, portanto, de um movimento messiânico-milenarista, pois teve inspiração nas concepções do final do mundo anunciadas no ano mil, com renovada influência na iminência do ano 2.000; números carregados de simbologia e que têm fascinado muitas mentes cristãs com a ideia de uma intervenção para além da história. Assim, podemos constatar que:

Millenium deu o nome a toda uma série de crenças, de teorias, de movimentos orientados para o desejo, a espera, a ativação dessa era: são os milenarismos (ou, segundo o grego, *chiliasmos*). Muitas vezes o aparecimento dessa era está ligado à vinda de um salvador, de um guia sagrado que ajuda a preparação para o fim dos tempos, deus ou homem, ou homem-deus, chamado Messias na tradição judaico-cristã, derivando daí o nome de messianismos, dado aos milenarismos ou movimentos similares, centrados em volta de uma personagem (LE GOFF, 1990, p. 284).

A presente pesquisa tem inspiração na ideia de que “[...] escatologia pode tornar-se um dos temas mais interessantes de história geral, para os historiadores contemporâneos e futuros, graças a um novo olhar sobre a escatologia na história, a espera e a sua variante religiosa, a esperança” (LE GOFF, 1990, p. 315). O autor faz sua provocação posicionando a história no caminho intermediário entre o mito e a escatologia, e nos faz lembrar que a história é incapaz de prever e de predizer o futuro ou dar explicações definitivas e acabadas a respeito das origens de todas as coisas.

Quanto à origem, ela tende ao mito: a idade de ouro, as épocas míticas ou, sob aparência científica, a recente teoria

do big bang. Quanto ao final, ela cede o lugar à religião e, em particular, às religiões de salvação que construíram um "saber dos fins últimos" – a escatologia [...] (LE GOFF, 1990, p. 4).

O historiador apresenta exemplos de movimentos messiânico-milenaristas de grande impacto na Europa. O primeiro encontrou o seu teórico em Joaquim de Fiore, o qual atacava com veemência a Igreja de Roma. A partir de cálculos e imagens, o abade cisterciense marcou o fim da nossa história para o ano de 1260. No fim do século XV, o padre dominicano Girolamo Savonarola passou a identificar a cidade de Florença com a nova Jerusalém e participou ativamente nos acontecimentos políticos da época na intenção de estabelecer ali um governo de paz, baseado na estabilidade social (LE GOFF, 1990).

A tradição messiânico-milenarista visa o fim de um mundo, que será ao mesmo tempo o início de uma nova Era, de uma nova Idade, de um novo Mundo. Na Igreja Cristã sempre existiu uma corrente escatológica, desejosa de lhe dar um aspecto puramente espiritual, longe de todos os compromissos mundanos que, por isso, identificava, a Igreja Romana com a Babilônia, a grande Prostituta, a Besta do Apocalipse (LE GOFF, 1990, p. 302).

Neste artigo, foi priorizada a exposição e a análise de uma visão histórica sobre a formação de um *corpus* doutrinário da IASD, em seus primórdios. Foi realizada uma exposição dos argumentos sobre a iminente volta de Jesus de forma visível, corpórea e literal, na perspectiva dos adventistas mileritas, especialmente os retirados do livro de Daniel, especialmente o texto de Daniel 8: 13-14³. A narrativa foi direcionada para o contexto envolvendo “O Grande Desapontamento” - decorrência de uma espera angustiante do fim do mundo -, bem como a conseqüentemente formatação da Doutrina do Juízo Investigativo (doutrina peculiar da IASD). A história traz William Miller, um fazendeiro batista, como personagem central, por ter catalisado o espírito do adventismo em seus ensinamentos.

³ “Depois, ouvi um santo que falava; e disse outro santo àquele que falava: Até quando durará a visão do contínuo sacrifício e da transgressão assoladora, para que seja entregue o santuário e o exército, a fim de serem pisados? E ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado” (BÍBLIA SAGRADA).

A pesquisa se concentrou nos discursos veiculados em periódicos eletrônicos nacionais e que possibilitam a compreensão da recepção dessa história estadunidense por pesquisadores brasileiros⁴. A quantidade de publicações não é grande, e isso pode ser explicado pela pequena produção acadêmica independente de uma visão interna, institucionalizada e apoloética; o que iniciou apenas no final da década de 1960, tomando forma com a conclusão de uma tese de Doutorado em Sociologia, cujo primeiro capítulo foi publicado em um periódico eletrônico no ano de 2004.⁵ O autor analisa aspectos da formatação das doutrinas adventistas e avalia que a interpretação milerita das 2.300 tardes e manhãs pode ser considerado o “mito de origem” da IASD (OLIVEIRA FILHO, 2004). Uma pesquisa complementar foi realizada em um livro recentemente publicado em língua portuguesa, que avalia criticamente as doutrinas adventistas, com um título provocativo: *Descortinando o Adventismo*. Trata-se de pesquisas realizadas em obras publicadas nos Estados Unidos, que ainda não foram traduzidas para a língua portuguesa. (PERSIO, 2020).

A parte final deste artigo traz uma abordagem a respeito das duas vertentes de interpretação de Daniel 8: 13-14. A primeira via, utilizada pelos mileritas, considera que o referido livro seja produto da escrita feita por um personagem que viveu em exílio na Babilônia no século VI a. C. A vertente que, no meu entendimento, pode trazer mais clareza interpretativa, localiza sua edição no século II, no contexto da Revolta dos Macabeus.

O esforço aqui realizado tem sua *anima* em uma filosofia da história que pode ser expressa da seguinte maneira:

A história só é história na medida em que não consente
nem no discurso absoluto, nem na singularidade absoluta,
na medida em que o seu sentido se mantém confuso,
misturado [...] A história quer ser objetiva e não pode sê-lo.

⁴ Os periódicos que abrigam os referidos artigos seguem o sistema de avaliação duplo-cego, que, como se sabe, protege a identidade do autor proponente. Na maioria dos casos, os artigos foram submetidos ao escrutínio de um corpo editorial e, finalmente, ao crivo de pareceristas ad hoc. A produção científica, que tomo por base na construção deste artigo, é, portanto, produto de pesquisas realizadas com metodologia adequada, sobre temas considerados relevantes e originais, e embasadas em farta revisão bibliográfica.

⁵ “Pretendendo-se efetuar uma história compreensiva da Igreja Adventista do Sétimo Dia, segundo a representação dos adeptos da “obra” e da “mensagem”, a formação da sua representação simbólica e as práticas organizacionais orientadas pela profetisa Ellen G. White, o artigo trata do surgimento, no millenismo, do movimento adventista que transformará a seita inicial em uma igreja

Quer fazer reviver e só pode reconstruir. Ela quer tomar as coisas contemporâneas, mas ao mesmo tempo tem de reconstituir a distância e a profundidade da lonjura histórica (Ricoeur, 1961 *apud* LE GOFF, 1990, p. 16).

William Miller e os adventistas mileritas

Os adventistas mileritas acreditavam que a Reforma Religiosa não deveria se limitar ao século XVI, e acabaram catalisando o grande “interesse dos evangélicos norte-americanos pelo restauracionismo e sua ênfase no imperativo de restauração final das verdades bíblicas esquecidas pelo cristianismo pós-apostólico.” O referido autor esclarece, no entanto, que, a despeito da importância dada aos reformadores como Lutero, Zuinglio e Calvino, “a orientação teológica do adventismo se aproxima mais daquilo que os historiadores eclesiais chamam de a Reforma Radical ou os anabatistas” (KOSSAR FURTADO, 2017, p. 64).

O movimento restauracionista intentava concluir a Reforma inacabada. Tal como os anabatistas, os restauracionistas possuíam uma visão radical do *sola scriptura*. Eles cobravam evidências bíblicas para cada proposição que lhes fosse levantada. A Bíblia deveria ser o único guia em questões de fé e prática. Quando a Bíblia falava sobre um tema específico, eles também o faziam; quando as Escrituras silenciavam em certo ponto, eles se calavam também. O movimento restauracionista era anticredo. Sua única orientação estava nos escritos bíblicos. O espírito do movimento restauracionista direcionou grande parte da agenda teológica da maioria dos protestantes norte-americanos do início do século XIX (KOSSAR FURTADO, 2017, p. 65).

Entre os anabatistas, a experiência milenarista, não necessariamente restauracionista, mais radical, empreendida no mesmo período da Reforma Protestante,

estruturada burocraticamente, o “comissionamento” legitimado simbolicamente pela “missão” (OLIVEIRA FILHO, 2004, p. 179).

foi realizada na cidade de Münster, entre 1534-1535. O inspirador do movimento, o pregador leigo Melchior Hoffmann, ensinava que um castigo universal precederia o aparecimento da última idade da história da humanidade. Seus discípulos instauraram um governo em Estrasburgo; e, esperando a união dos 144.000 eleitos, transformaram a cidade num grande convento misto (LE GOFF, 1990).

Jacques Le GOFF classifica os adventistas como um grupo milenarista de restituição. O grupo é caracterizado desse modo por aguardarem um castigo universal, que deveria preceder o aparecimento da última idade da história da humanidade, em que a justiça reinaria numa nova terra restaurada. O autor explica o que considera como uma postura pessimista, a forte tendência de alguns grupos ou de indivíduos isolados em buscarem uma vida distante dos modelos apresentados pela modernidade, motivados por dois sentimentos difusos na grande corrente escatológica tradicional:

por um lado, a angustiante espera de um fim catastrófico colocada, a torto e a direito, sob uma bandeira apocalíptica; por outro, o desejo do regresso a um paraíso natural. É a generalização latente de uma espera escatológica, num clima de vaga religiosidade e/ou de pseudociência. [...] Esta situação pode, todavia, constituir também um elemento suplementar para o recrutamento de seitas explicitamente escatológicas, na linha dos movimentos milenaristas da ‘restituição’ dos quais os mais significativos são, sem dúvida, os Adventistas do Sétimo Dia e as Testemunhas de Jeová⁶, que são vários milhões no mundo (LE GOFF, 1990, p. 313).

No mesmo período de formação do adventismo milerita, surgiram inúmeras comunidades rurais messiânico-milenaristas, nos Estados Unidos que, com o processo de industrialização, desapareceram paulatinamente. Muitas delas, entretanto, aumentaram o número de seus adeptos, como os “Shakers” (uma derivação do movimento Quaker⁷),

⁶Trata-se de um movimento religioso fundado, em 1870, por Charles Taze Russell. Adoram exclusivamente ao Deus Jeová, possuindo um conceito diferente dos demais grupos cristãos que, em sua maioria, acreditam em um “Deus Trino”. Tal doutrina, que ocupava parte dos debates no período de formação doutrinária, não é compartilhada pelos Adventistas do Sétimo Dia na atualidade.

⁷ Quakers é o nome dado aos membros de um grupo religioso de tradição protestante, a Sociedade Religiosa dos Amigos, criada em 1652 pelo inglês George Fox. Uma de suas marcas é a grande

que surgiram por volta de 1820, chamados assim pelo tremor produzido pelo fervor de seus adeptos; e os “Mórmons” (cujo nome oficial é A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias), organizados por Joseph Smith em 6 de abril de 1830.

A característica básica daqueles movimentos era o seu inconformismo com as associações religiosas já estabelecidas em Igrejas Protestantes, tais como a Metodista, a Episcopal, a Presbiteriana e, principalmente, a Igreja Católica Apostólica Romana. Reivindicavam a “iluminação” do Espírito Santo, sobre as próprias Escrituras; pregavam que a Revelação não estava concluída e que os tempos exigiam novos profetas; e se recusavam a manter relações com os poderes estabelecidos (OLIVEIRA FILHO, 2004). A respeito desse contexto histórico de extrema movimentação migratória e intensa agitação social, Jacques Le Goff explica que

[a] revolução industrial, o salto tecnológico e a descristianização levaram as igrejas, as seitas e os indivíduos a reinterrogarem-se sobre o sentido da história e sobre a componente escatológica religiosa; nos países colonizados e, mais tarde, descolonizados, o encontro entre civilizações deu origem a um extraordinário florescimento milenarista e messiânico (LE GOFF, 1990, p. 310).

O início do movimento adventista nos Estados Unidos se relaciona à pregação itinerante de William Miller (1782-1849), um fazendeiro batista de Low Hampton, Nova York, que, após estudar a Bíblia sozinho, concluiu que Jesus voltaria pela segunda vez à Terra de forma visível, corpórea e literal, no ano de 1843 (DARIUS; FOLLIS, 2022). Tal acontecimento só ocorreria após catástrofes já anunciadas e transformações profundas na natureza, com base numa releitura do Apocalipse de João, o que caracteriza sua marca como movimento de restituição.

O líder do movimento milerita teve pouca educação formal, algo comum em seu país, naquela época. Aprendera a ler com a mãe e frequentou a escola por poucos meses. Fora um leitor voraz dos poucos livros que a família possuía: um saltério, uma Bíblia e um livro de oração. Sempre ligado ao campo, teve várias profissões e funções voluntárias. Não possuía títulos acadêmicos, apenas um atestado de conhecimento bíblico emitido pela Igreja Batista local. Miller cresceu num lar religioso; todos os membros de sua família eram frequentadores de igreja e dois de seus tios e um avô eram ministros batistas. Havia,

importância atribuída à iluminação interior como motor da interpretação do texto bíblico, pois acreditavam na revelação imediata e individual de Deus.

porém, se decepcionado com o cristianismo que aprendera na infância e adotara a filosofia do deísmo, seguindo uma tendência de muitos naquela época. Alimentado pela crença em um deus que criou o universo e suas leis, mas não atuava de forma direta no processo histórico e nos problemas da humanidade; de vez em quando frequentava a igreja local, embora ainda guardasse questionamentos profundos a respeito de certos ensinamentos ministrados (DARIUS, 2009; FIRINO; CAVALCANTI, 2022).

Em 1816, Miller começou a realizar um estudo cuidadoso e sistemático da Bíblia motivado por uma experiência de “salvação” de sua própria vida durante um bombardeio nos conflitos ocorridos durante a Segunda Guerra de Independência. Uma bomba teria explodido ao seu lado, mas fora poupado da morte. Impressionado com a experiência e estimulado por amigos e familiares, decidiu estudar a Bíblia, apoiando-se apenas na concordância bíblica de Cruden (SCHUNEMANN, 2009; FIRINO, CAVALCANTI, 2022).

Conta-se que ao se deparar com o texto de Daniel 8:14, que diz: “E até duas mil e trezentas tardes e manhãs e o santuário será purificado”, e concordando com a maior parte dos religiosos da sua época que a palavra santuário naquele texto se referia à Terra, o fazendeiro batista concluiu que Jesus poderia retornar à Terra para purificá-la do pecado ainda na sua geração (OLIVEIRA FILHO, 2004; DARIUS, 2009).

As 2.300 tardes e manhãs: o mito de origem da IASD

Nota-se que a pesquisa de Miller parte de uma experiência pessoal, subjetiva, de “iluminação” interior. Nosso personagem não busca apoio das autoridades locais para suprir o vácuo de sentido, mas nas Escrituras, sem apoio da tradição. O capítulo 8 do livro de Daniel, associado ao Evangelho de Mateus, capítulo 24, formaram a base para o anúncio do segundo advento entre os mileritas. O movimento contou, desde o início, com o apoio de muitos líderes evangélicos das mais diversas denominações, dando início a um movimento que agregou cristãos de várias agremiações religiosas, em curto espaço de tempo, pois sua mensagem foi considerada de gravíssima urgência. Havia elementos sociais e econômicos que serviram de motor na propagação das pregações mileritas.

Entre 1837 e 1844 os Estados Unidos passaram por um longo período de recessão econômica. Nessa ocasião houve um declínio do otimismo do país quanto ao seu sucesso como nação. Alguns grandes empreendimentos fracassaram, levando a um sentimento de desilusão. É importante ainda ressaltar que, nessa época, a população era majoritariamente rural e formada por pequenos proprietários, que, por sua

vez, compunham o perfil dos conversos ao Adventismo”
(HOSOKAWA; SCHUNEMAN, 2008, p. 104).

O movimento empolgou os Estados da Nova Inglaterra, atingindo Nova York, Filadélfia, Ohio, Michigan; chegando, igualmente até o Canadá. Aproveitando-se de uma euforia coletiva muito propícia para o surgimento de seitas, como referido anteriormente, o entusiasta pregador desenvolveu a crença de que Jesus voltaria a qualquer momento entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844 (OLIVEIRA FILHO, 2004; SCHUNEMANN, 2009).

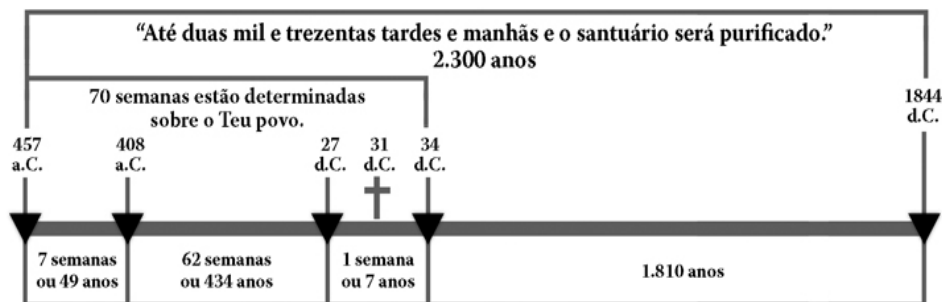
Os pregadores mileritas faziam associação direta entre os capítulos 8 e 9 do livro de Daniel, pois ambos apresentam narrativas relativas à restauração posterior ao poderio babilônico sobre os judeus e início do período persa. No capítulo 8, o tema é abordado a partir da profecia das 2.300 tardes e manhãs; ao passo que, no capítulo 9, a simbologia das 70 semanas é que rouba a cena profética. Miller entendeu que poderia ser utilizado o critério dia/ano na contagem das cronologias encontradas em ambos os capítulos; um método bastante utilizado na época, que o levaria à conclusão de que entre o decreto para a reconstrução de Jerusalém e a crucificação do Messias decorreram 70 semanas; ou seja $70 \times 7 = 490$ dias/anos. Isto nos remete a um cálculo simples: ao subtrair 457 ou 456 dos 2.300, chega-se a 1843 ou 1844 (OLIVEIRA FILHO, 2004; DARIUS, 2009).

A certeza da interpretação vinha a partir da compreensão que Miller obtivera de suas pesquisas históricas, a respeito do decreto de Artaxerxes, imperador persa, para a restauração de Jerusalém (457 – 456 a. C.), o único que teria sido colocado em execução no ano 444 a. C. Se subtrairmos 490 de 2.300 teremos como resultado: os 1.810 dias/anos restantes, que aparecem em destaque na figura 01. Se somarmos 1.810 ao ano 34 – final dos 490 anos – chegamos ao ano de 1844 (PERSIO, 2020, p. 69).

O esquema abaixo, retirado de um site mantido pela IASD, que tem como título “Curso Bíblico: a Palavra de Deus para as necessidades humanas”, expõe de forma didática a explicação resumida que acabei de apresentar.

Figura 01

ESQUEMA PROFÉTICO DAS 2.300 TARDES E MANHÃS



Fonte: <https://cursobiblicool.wordpress.com/2018/06/07/tema-8-uma-profecia-surpreendente/>. Acesso em: 12 ag. 2023.

Havia, na época da expansão milerita, outros estudiosos leigos e, também, alguns pastores que endossaram essas ideias; no entanto a insistência nos argumentos, pós desapontamento, conduz Oliveira Filho (2004, p.161) a concluir que tal interpretação possa ser considerada como o “mito de origem” do adventismo. Darius e Follis (2022), designam o fato histórico conhecido como O Grande Desapontamento como o “evento fundante” da IASD, como veremos a seguir.

A constatação de que Jesus não voltara em março de 1844, trouxe grande frustração e desesperança ao grupo de crentes no segundo advento. Conta-se que enquanto Joseph Bates, um dos fundadores da IASD, conclamava os mileritas a se manterem firmes, mesmo após a espera frustrada, surgiu, de forma inesperada, Samuel Snow, um discípulo de Miller, provocando o episódio conhecido entre os adventistas como “O Clamor da Meia Noite”, que fazia alusão à parábola das 10 virgens (Mateus 25). O fato foi crucial ao movimento, pois reacendeu de forma intensa a esperança no breve retorno de Jesus; agora, porém, para a data de 22 de outubro de 1844.

Para Snow, as festas judaicas eram as chaves para interpretação das profecias que falavam da segunda vinda de Jesus. Ele relacionou o advento de Jesus com o dia da expiação que ocorre no décimo dia do sétimo mês do calendário judaico, o qual, naquele ano, na interpretação de Snow com apoio de Miller, os cálculos dos judeus caraitas apontavam para o dia 22 de outubro. Snow, elaborou uma explicação para aquilo que foi considerado um tempo maior para a manifestação gloriosa de Cristo. A partir da parábola das dez virgens, relatadas no Evangelho de Mateus, fora predito, segundo ele, um tempo

de tardança para separar os fiéis dos infiéis (HOSOKAWA; SCHUNEMAN, 2008; SCHUNEMANN, 2009; FIRINO; CAVALCANTI, 2022).

Gleyson Persio (2020, p. 204-205) pondera que, mesmo no calendário dos judeus caraitas, a data correta para as comemorações do dia da expiação “caiu”, em 1844, no dia 23 de setembro. O autor demonstra estranheza com relação à escolha feita por Samuel Snow em utilizar-se de um calendário dessa ramificação pouco conhecida do judaísmo, cuja principal característica, segundo o autor, é não reconhecer nenhuma literatura complementar às Escrituras hebraicas. O mais relevante, no entanto, é a constatação de que a nova data estabelecida para o retorno de Jesus estava também equivocada.

William Miller considerou razoável as ponderações de Samuel Snow e estudou meticulosamente todos os argumentos. Concordando com essa nova interpretação, passou a reafirmar sua fé na segunda vinda de Jesus para aquele ano. Ao se esgotarem os últimos dias do tempo previsto, os comerciantes adventistas fecharam seus estabelecimentos; mecânicos trancaram suas oficinas; empregados desistiram de seus empregos e alguns fazendeiros abandonaram suas plantações para demonstrar sua fé. Diante do não cumprimento das promessas dos adventistas mileritas, centenas de pessoas viveram uma grande decepção, após uma angustiante espera, ficando o episódio ficou conhecido como O Grande Desapontamento (OLIVEIRA FILHO, 2004; FIRINO; CAVALCANTI, 2022).

O Juízo Investigativo: uma angustiante espera postergada

Após o fracasso das previsões do fim do mundo, muitos ridicularizaram os adventistas e abandonaram a propaganda ideia da volta de Jesus. Como o anunciado episódio não ocorreu as pessoas passaram a se dividir em grupos com posicionamentos bem diferentes. Os conhecidos como adventistas evangélicos, abandonaram as previsões e foram absorvidos em outros grupos protestantes; um pequeno grupo, no entanto, continuou a estudar a Bíblia com o objetivo de entender o que ocorreria. Este último grupo disperso, finalmente encontrou sua unidade e missão, vindo a chamar-se Adventistas do Sétimo Dia, a maior cooperação de mileritas hoje existente (HOSOKAWA; SCHUNEMAN, 2008; SCHUNEMANN, 2009).

Despontaram, no meio deste último grupo, vários líderes que construíram a base do que viria a ser a IASD, com destaque para James White, Ellen White e Joseph Bates. Eles criam que alguma coisa havia acontecido em 22 de outubro. Um fato marcante motivou o casal White a persistir na proposta adventista. Um desconhecido, chamado Hirã Edson, fazendeiro metodista convertido ao movimento milerita, estava no campo; o céu parecia abrir-se e ele teria visto de forma muito clara que Jesus, pela primeira vez,

entrava no segundo compartimento do santuário, conhecido como Santíssimo ou Santo dos Santos. Ele tinha uma obra para realizar, antes de vir a Terra: julgar todos os atos praticados pelos seres humanos (DARIUS; FOLLIS, 2022).

A tese desenvolvida por Hirã Edson, publicada posteriormente em sua revista *Day Down*, ajudou o movimento a continuar na fé da volta de Cristo e encontrar um significado no desapontamento. O reexame minucioso das profecias, amparado no referido artigo, levou-os a concluir que Miller estava certo em relação à sua interpretação dos 2.300 dias, porém o santuário a ser purificado não estava na Terra e sim no Céu. Ficaram, portanto, convencidos de que havia um santuário celestial, semelhante ao santuário terrestre (descrito nos livros de Êxodo e Levítico, dividido em dois ambientes: o Santo e o Santíssimo), e que, em 1844, Jesus começara ali um ministério especial - o “juízo investigativo”, - que terá seu fim apenas quando Jesus voltar à Terra buscar os justos e, assim, continuaram a esperar pelo breve retorno de Jesus, como o fazem ainda hoje (PERSIO, 2020).

Esse pequeno grupo que decidiu continuar na pesquisa bíblica, no intuito de buscar mais clareza a respeito daqueles eventos, continuou na expectativa da breve volta de Jesus e passaram a praticar a observância do sétimo dia da semana como um dia reservado exclusivamente às atividades religiosas ou assistenciais, o que ficou conhecida como “A Grande Reforma do Sábado”. Os Adventistas do Sétimo Dia se tornaram incansáveis estudiosos das Escrituras, com ênfase no escrutínio dos livros Daniel e Apocalipse de João. A abordagem aceita e pregada pelos mais de 20 milhões de membros espalhados pelo mundo⁸ é coerente com esses primeiros anos de origem e constituição do movimento e seus teólogos continuam fiéis ao modelo interpretativo dos seus pioneiros: a chamada Teoria do Exílio (PERSIO, 2020).

Darius e Follis (2022, p. 77) chamam atenção ao fato de que o início do movimento adventista se relaciona à pregação de Miller, no entanto, existem duas décadas de separação doutrinária e de formação. Uma distinção é a Doutrina do Juízo Investigativo, uma interpretação bíblica exclusivamente adventista, que coloca seus seguidores numa constante expectativa quanto a certeza da própria salvação, haja vista que o mesmo Jesus morto na cruz está incumbido de escutinar os atos de cada ser

⁸ “A Igreja Adventista do Sétimo Dia é sexta maior denominação evangélica do Brasil em números de fiéis (1,53 milhão de fiéis), atrás da Assembleia de Deus (12,3 milhões), da Batista (3,7 milhões), da Congregação Cristã do Brasil (2,2 milhões), da IURD (1,87 milhão) e da Igreja do Evangelho Quadrangular (1,80 milhões)”.

Fonte:

[https://brazil.mom-gmr.org/br/proprietarios/empresas/detail/company/company/show/seventh-day-adventistchurch/#:~:text=A%20Igreja%20Adventista%20do%20S%C3%A9timo,\(1%2C80%20milh%C3%B5es\).](https://brazil.mom-gmr.org/br/proprietarios/empresas/detail/company/company/show/seventh-day-adventistchurch/#:~:text=A%20Igreja%20Adventista%20do%20S%C3%A9timo,(1%2C80%20milh%C3%B5es).)Acesso realizado em 12 de setembro de 2023.

humano desde Adão até o último a nascer neste planeta. Tal ensinamento não fazia parte do arcabouço milerita.

“E o santuário será purificado”: quando se funde a guerra, a política e a religião

Todo esse esquema explicativo dos adventistas mileritas só faz sentido se partirmos do pressuposto de que Daniel estava se referindo a acontecimentos de um futuro distante, o que condiz com a perspectiva da Teoria do Exílio, a qual, considera Daniel um profeta que fora levado para o exílio babilônico no VI século a.C. Todos os relatos proféticos estudados sob essa perspectiva, conduziam os mileritas a aguardarem o retorno de Jesus para o ano de 1844.

No final do século XIX, portanto em época posterior ao chamado Grande Desapontamento, surgiu na Europa, a chamada Teoria Macabéia, e passou a ser amplamente utilizada entre os teólogos alemães. Após a Primeira Guerra Mundial, os protestantes de diversos países passaram a aceitar esta teoria e, pouco depois, na Segunda Guerra Mundial, a pesquisa católica passa a admiti-la. Essa teoria localiza a redação do livro de Daniel no período Macabeu, ou seja, no século II a.C. Sua resistência será, contudo, mantida por alguns exegetas que defendem a chamada Teoria do Exílio (SOUSA, 2018, p. 68-69).

O fundamento para a defesa da Teoria do Exílio está nas datas encontradas no próprio livro: Dn 1:5-5:29; 7:1; 8:1; 9:1; 10:1 e no estilo-EU dos capítulos de 7 a 12. A discordância, reside em três pontos fundamentais: Belsazar é figurado no capítulo 5 como o último monarca babilônico; Dario, “o medo”, é apontado como o monarca que se apossou do reino babilônico (Dn 6:1); por fim, a menção do império Medo como sucessor do Babilônico, conforme interpretação sobre o segundo animal apresentada em Dn 7. Os adeptos da Teoria Macabéia defendem a existência de um editor final que reuniu narrativas a respeito de um personagem denominado Daniel.

Uma possibilidade de interpretação, diametralmente oposta àquela apresentada pelos adventistas mileritas, pode emergir de um profundo escrutínio da história revelada a partir dos registros sobre o levante do povo judeu diante do processo de helenização, empreendido por Antíoco Epifânio IV: A Revolta dos Macabeus (168-165 a. C.). As proezas são celebradas pelos judeus até os dias de hoje no Hanukkah (Festa das Luzes), em que comemoram sua luta contra a tentativa dos gregos de impedirem a observância do sábado e suas antigas festas religiosas, além de os obrigarem a ingerirem alimentos proibidos, a exemplo da carne de porco.

O ápice da violência empreendida pelo imperador helenista se deu com a profanação do Templo de Jerusalém, ordenando um culto a Zeus e a adoração de um ídolo feito a imagem do rei. Seu ato final foi sacrificar um porco naquele templo, em 167

a. C., instalando-se ali a “abominação da desolação” (Dn 11: 31; 12: 11). A rebelião empreendida pelos judeus contra esse violento processo de desmonte cultural e religioso está registrada em As Guerras dos Judeus, de Flávio Josefo, e nos livros não canônicos de I e II Macabeus.

Os portadores deste movimento buscavam condições para olhar a história com esperança, a despeito de toda a negação dos poderes opressores que destruíam sua Identidade. Para o movimento, a resposta a esta condição estava no poder do Deus, Todo Poderoso, que julgaria a história para além do tempo, estabelecendo uma nova realidade, uma nova ordem, na qual os portadores deste movimento teriam participação (SOUSA, 2018, p. 74).

A maioria esmagadora dos autores atuais concorda que a composição final do livro de Daniel se deu no período dessas revoltas. Os detalhes históricos são tão abundantes e precisos que não resta dúvida de que o autor está remetendo seus leitores a Antíoco IV. Temos como exemplo: o texto de Dn 11: 21-39, que fornece detalhes da carreira desse Monarca: a prescrição contra a prática do judaísmo (Dn 11: 28-30); a profanação do Templo (Dn 11: 31); e a perseguição a setores do judaísmo (DN 11: 33-34). É muito difícil, portanto, sustentar a tese de que o livro tenha sido escrito no século VI a. C. (SOARES, 2008).

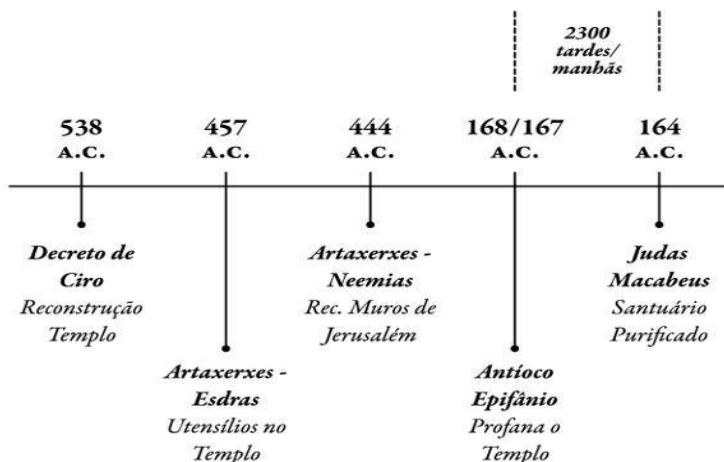
O erudito grego e filósofo neoplatonista Porfírio (século III d.C.) já afirmava que o livro de Daniel continha profecia ex-eventu e era fruto de composição da época macabaica. Rowley sumariou a questão ao afirmar “que o livro foi escrito nos dias dos macabeus, desde há muito se afirma e continuará a sê-lo no presente. Há quem defenda a data do sexto século, mas as evidências contra essa opinião são esmagadoras” (SOARES, 2008, p. 243).

O texto de Daniel 8: 13-14, segundo o esquema profético exposto na figura 02, se refere a um período literal de 2.300 dias decorridos entre a profanação do Templo,

empreendida por Antíoco IV, e sua restauração ou purificação, conduzida pelos judeus insurgentes da Revolta dos Macabeus.

Figura 02

LINHA DO TEMPO BÍBLICA/HISTÓRICA



Fonte: PERSIO, 2020, p. 176

Altera-se portanto, a perspectiva de interpretação do texto para um período pretérito e mostra com clareza a fragilidade dos argumentos dos pregadores adventistas mileritas. Se considerarmos o Livro de Daniel como uma produção com fins políticos e religiosos decorrentes de problemas situados no contexto do poderio de Antíoco IV, seremos induzidos a concluir que o escopo dessa história não se daria num longínquo recorte temporal; ao contrário, toda trama chega à sua completude num tempo anterior à chegada do messias nas terras da Palestina. A luta empreendida pelos judeus foi liderada pelo sacerdote Matatias, sucedidos por seus filhos Judas, Jônatas, Simão e João. Em sua maior parte, a revolta foi liderada por Judas (*Yehudah Hamakabi*), de codinome Macabeu, que significa martelo. A vitória final contra os selêucidas foi empreendida por Simão, sucessor de Jônatas, que, após diversas tentativas de acordos diplomáticos, empreendeu diversas batalhas, ampliou o território de seu povo e criou um governo independente do poderio grego.

Podemos compreender Daniel, então, como aquele que empresta o rosto ao movimento, tornando-o mais palpável para os seus simpatizantes. Daniel se torna, assim, um personagem paradigmático. Isto aproxima a proposta do movimento ao dia-a-dia do povo oprimido e sujeito às mesmas ameaças [...] o livro de Daniel é mais que uma literatura isolada, fruto de um momento específico de uma única pessoa, mas reflexo de um movimento maior, que olha a história na perspectiva da ação de Deus, que está para além dos poderes dos impérios, por isso requer de seus fiéis, resistência e obediência, para que possam se tornar herdeiros da transformação da história (SOUSA, 2018, p. 67).

Considerações finais

Concluo aqui minha narrativa sobre uma instituição religiosa, gerada em solo estadunidense no auge da modernidade, que apresenta um claro apelo escatológico desde sua origem, com fortes características messiânico-milenaristas. Uma vertente milenarista da restituição, que aguardam o castigo universal antes de viverem numa terra restaurada. Um movimento restauracionista que possuía uma visão radical do *sola scriptura*, pois cobravam evidências bíblicas para cada proposição que lhes fosse levantada. Sua única orientação estava nos escritos bíblicos, que encontrou solo fértil para as inquietações de um fazendeiro batista que, após estudar a Bíblia sozinho, concluiu que Jesus voltaria no ano de 1843 ou 1844.

Ao comentar sobre as pregações de William Miller, o Grande Desapontamento e a formatação da Doutrina do Juízo investigativo, inclui uma abordagem a respeito das duas vertentes de interpretação do livro que embasou tais doutrinas. A primeira, utilizada pelos mileritas, considera que o livro seja produto da escrita feita por um personagem que viveu em exílio na Babilônia no século VI a. C. A vertente que, no meu entendimento, pode trazer mais clareza interpretativa, localiza a edição do referido livro no século II, no contexto da Revolta dos Macabeus.

É fato que o contexto sociocultural dos pregadores mileritas não possibilitava uma interpretação bíblica, em consonância com o modelo apresentado na Teoria Macabéia. A abordagem milerita priorizava a literalidade do texto bíblico, aliado a preocupações com problemas vitais daqueles tempos, mas que deposita numa ação transcendente a intervenção na história. Era, portanto, o que havia de mais evidente para

os pregadores do segundo advento nas terras da América. Mesmo na Europa, uma interpretação alternativa das Escrituras levou tempo para ser consolidada.

Evidentemente que toda a exposição bíblica, apresentada atualmente, que derive dessa hermenêutica dos adventistas mileritas estará fadada ao fracasso, a não ser em círculos restritos das próprias congregações ou aos ouvintes que ainda ignoram outra possibilidade interpretativa. Um olhar diligente ao movimento revolucionário de judeus contra um processo violento de helenização pode tornar um texto enigmático e obscuro numa instigante metáfora para nossos dias, nos quais a espiritualidade e a política estão lado a lado, que opta por uma visão de imanência de Deus na história.

Sempre há o risco de nos deslocarmos dos problemas terrestres com visões mistificadoras e esperançosas que desvalorizam o esforço humano e nos coloca nos braços de um messias (uma força transcendente). O livro de Daniel pode ser o fiel da balança a nos reconduzir de volta à política (força imanente).

Referências

- DARIUS, Fábio A. O Reavivamento Milerita (1831 – 1844): Esperando Cristo voltar. *Protestantismo em Revista [On-line]*, v 18, n. 1, São Leopoldo, 2009, p. 56-65. Disponível em: <http://ism.edu.br/periodicos/index.php/nepp/article/view/2034>, acesso no dia 22 de janeiro de 2023.
- DARIUS, Fábio A. ; FOLLIS, Rodrigo. Apocalipse 10: bases textuais para a consolidação de uma memória adventista a partir de seu evento fundante. *Estudos Teológicos [On-line]*, v 62, n. 1, São Leopoldo, 2022, p. 75-90. Disponível em https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/ET/article/view/1181, acesso no dia 26 de agosto de 2023.
- FIRINO, Daniel da S. ; CAVALCANTI, Carlos A. M. O Movimento Milerita e a origem das denominações adventistas nos Estados Unidos da América no século XIX. *Sacrilogens [On-line]*, v 19, n. 1, Juiz de Fora, 2022, p. 56-81. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilogens/article/view/37039>, acesso no dia 14 de julho de 2023.
- HOSOKAWA, Elder; SCHUNEMANN, Haller. A Conversão de Imigrantes Japoneses no Brasil à Igreja Adventista do Sétimo Dia. *Rever [On-line]*, Set., Ano 8, São Paulo, 2008, p.101-125. Disponível em https://www.pucsp.br/rever/rv3_2008/index.html, acesso no dia 14 de julho de 2023.
- KOSSAR FURTADO, Kevin W. O surgimento interconfessional do movimento milerita e dos adventistas do sétimo dia. *Caminhos de Diálogo [On-line]*, ano 5, n. 7, Curitiba, 2017, p. 63-71. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/329741793_O_surgimento_interconfessio

[nal do movimento milerita e dos adventistas do sétimo dia](#), acesso no dia 17 de janeiro de 2022.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão et. al. 1. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. [1924] (Versão e-book).

OLIVEIRA FILHO, José Jeremias. Formação histórica do movimento adventista. *Estudos Avançados [On-line]*, v 18, n. 52, São Paulo, 2004, p. 157-179. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10030>, acesso no dia 13 de abril de 2013.

OLIVEIRA FILHO, José Jeremias. *A obra e a mensagem*: representações simbólicas e organização burocrática da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tese (Doutorado em Sociologia), USP, São Paulo, 1972.

PERSIO, Gleyson. *Descortinando o Adventismo* – Volume I. 1. Ed. Almirante Tamandaré: Jocum Brasil, 2020. (Versão e-book)

SCHUNEMANN, Haller. O papel das imigrações no crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia. *Estudos de Religião [On-line]*, v 23, n. 37, São Paulo, 2009, p.146-170. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/1521>, acesso no dia 12 de junho de 2022.

SOARES, Dionísio O. O livro de Daniel: Aspectos sócio-históricos de sua composição. *Atualidade Teológica [On-line]*, ano XII, n. 28, Rio de Janeiro, 2008, p. 237-247. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18359/18359.PDF>, acesso no dia 13 de janeiro de 2022.

SOUSA, Ágabo Borges de. O Livro de Daniel: um texto apocalíptico do antigo testamento. *Caminhos [On-line]*, v. 16, n. 2, Goiânia, 2018, p. 62-75. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/329408113_O_LIVRO_DE_DANIEL_UM_TEXTO_APOCALIPTICO_DO_ANTIQUO_TESTAMENTO, acesso no dia 18 de fevereiro de 2022.

Sites

BÍBLIA SAGRADA : *Bíblia Católica*. Disponível em <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/daniel/2/>, acesso realizado no dia 17 de fevereiro de 2023.

CURSO BÍBLICO: *A Palavra de Deus para as necessidades humanas*. Disponível em <https://cursobiblicoil.wordpress.com/2018/06/07/tema-8-uma-profecia-surpreendente/> acesso realizado no dia 22 de agosto de 2023.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA: *Site oficial*. Disponível em <https://brazil.mom-gmr.org/br/proprietarios/empresas/detail/company/company/show/seventh-day->

[adventist-](#)

[church/#:~:text=A%20Igreja%20Adventista%20do%20S%C3%A9timo,\(1%20C80%20milh%C3%B5es\). Acesso realizado em 12 de setembro de 2023.](#)